
O efeito dialógico do espaço na compreensão de identidade: A articulação periférica da semiosfera no Vale do Amanhecer¹

Cleyton Santos FERREIRA²
Fátima Aparecida dos SANTOS³
Universidade de Brasília, Distrito Federal, DF

RESUMO

Este trabalho de pesquisa pretende compreender os efeitos dialógicos do espaço na concepção da identidade, e também o inverso, a partir da perspectiva dos indivíduos que residem no Vale do Amanhecer e trabalham no centro de Brasília. Espacialidades estigmatizadas pelas suas funções conceituais, que dividem temporalidades e textos culturais de naturezas distintas, porém com semelhanças em suas significações, criando dicotomias que se mostram nas iconografias e visualidades das urbes, ricas em simbolismos místicos, míticos e religiosos. A pesquisa fundamenta-se nos estudos da semiótica da cultura, especialmente na articulação periférica da semiosfera e suas zonas fronteiriças, nas trocas simbólicas e na composição de sistemas modelizantes que se dão por meio das práxis culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Vale do Amanhecer, Identidade, Semiótica da Cultura, Articulação Periférica

Introdução

Periferia e centro são conceitos que ditam a essência da reflexão acerca da separação dos espaços nas cidades, dos imaginários urbanos, suas variações citadinas e das relações que ocorrem no entremeio dessas localizações. A codependência entre os dois pontos se estende por diferentes áreas de estudos, seguindo, dentro das práticas representativas, a tendência de subverter seu próprio significado, com a iminência de novas formas de pensar o espaço, a cultura e a sociedade.

Os elementos mediadores entre essas localizações conceituais têm se tornado indissociáveis do avanço de estudos e debates que circundam a produção social dos espaços, compreendidos nesta pesquisa através de Santos (2020, 1979), Lefebvre (1991,

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Designer e mestrando em Design, Tecnologia e Sociedade do Programa de Pós Graduação em Design da Universidade de Brasília – PPG Design UnB, e-mail: cleytonsanf@gmail.com.

³ Designer, mestre e doutora em Comunicação e Semiótica - PUC SP com estágio pós doutoral pela Università Degli Studi di Torino - CIRCE; Professora do depto de Design - Graduação em Design e PPG Design - linha Design, espaço e mediação do Instituto de Artes, Universidade de Brasília, e-mail: designerfatima45@gmail.com.

2011) e Harvey (2006). O entendimento das novas formas sociais de construção do espaço se faz imprescindível para o delineamento das identidades culturais, que tomam formas mais complexas frente às construções de totalidades sociais modernizadas.

A relação entre centro e periferia é essencial também no estudo da semiótica da cultura, no qual nos aprofundaremos através de Lotman (1994, 1996, 1998 e 2019), Kanagawa (2020) e Machado (2019). O fenômeno que incide da relação entre essas duas parcelas do espaço proporciona o surgimento de linguagens, dependendo de dois espaços semióticos diferentes, onde as trocas entre esses espaços resultam nas significações que desenham uma cultura. Lotman e Uspenski (2000) definem o espaço semiótico que proporciona a transformação de textos culturais⁴ como semiosfera, sendo essa essencial para a criação simbólica de estruturas de representações que dão sentido às trocas sociais. (LOTMAN, 1994).

O Vale do Amanhecer surge através da chegada de populações de distintas regiões do país para a construção da nova capital, estabelecendo-se próximo a Planaltina⁵, na periferia do Plano Piloto. Esse movimento, somado à explosão de novas técnicas representativas, trouxe para o planalto central textos culturais de diferentes origens identitárias. Essa mistura colaborou para a transformação de linguagens que com o advento do tempo se tornaram a essência da iconografia das comunidades estabelecidas, refletindo nas espacialidades atuais esse arranjo sógnico. Mesmo diante da tendência modernista da capital, a transformação da significação dos espaços e a evolução da extensão imaginada da cidade, a esfera cultural do Vale ainda resiste visualmente, dentro do que Ferrara (2002) define como visualidade.

O levantamento de dados, através de derivas, entrevistas com moradores e análise imagética, visa compreender a relação dos moradores do Vale com esse espaço periférico. Também pretende entender os efeitos dialógicos dessa divisão entre o Vale do Amanhecer e o Plano Piloto, dois espaços possivelmente dicotômicos. Partiremos da premissa do pertencimento, presentes no estudo de Massey (2008), Hall (2020) e Bauman (2005, 2012). Também foram realizadas entrevistas abertas com especialistas na história e especificidades do Vale do Amanhecer e análise de documentos disponíveis em acervos

⁴ Lotman define como texto cultural todo aspecto de uma significação advinda de uma representação cultural, podendo esse ser um texto propriamente dito ou formas que podem ser compreendidas e traduzidas para outra cultural.

⁵ Planaltina é uma Região Administrativa do Distrito Federal, ou RA como chamaremos no texto. Essa é a denominação dada às cidades que estão localizadas nas proximidades do Plano Piloto e compõe a ideia de uma Brasília que engloba suas adjacências.

históricos da cidade, que dão sentido aos dialogismos percebidos durante o percurso da pesquisa.

Com caráter ontológico, De Certeau (2014) propõe que a experiência do espaço a partir do caminhar permite a percepção de suas nuances, que vistas a partir de uma totalidade são obscurecidas por sombras geradas a partir de sua totalização. A prática do caminhar sem um objetivo claro é o que Debord (2003) define como o ideal para compreender a cidade longe da lógica fetichizante.

Este artigo surge como resultado da percepção da importância da discussão acerca da identidade, suas potencialidades e suas fragilidades, diante das tendências pós-modernas e de discursos totalizadores, recaindo, sobretudo, em identidades periféricas e conseqüentemente marginalizadas. Fomenta também a discussão acerca do pertencimento em contrapartida à políticas segregadoras resultantes da gentrificação na capital federal. Evidenciamos como as dicotomias desses espaços ecoam na percepção de identidade dos moradores do Vale do Amanhecer, levando em consideração a intersecção do aparato semiológico dos dois territórios.

Identidade, representação e o espaço semiótico

Para Bauman (2012) a busca por uma identidade é uma das necessidades mais fundamentais da existência humana, embora a reflexão sobre "identidade" surja quando sua existência passa a ser problematizada e ameaçada, deixando de ser algo óbvio e dado. O sociólogo defende que o debate acerca da identidade é pertinente quando avaliamos as mudanças nos modos de socialização que podem surgir com o advento do tempo. Isso ocorre na era moderna com a transição da atribuição para a realização, onde os indivíduos precisam determinar seu lugar na sociedade.

A pertença, contudo, não é viável se a totalidade em questão transcender a capacidade da “massa cinzenta” – quando ela se torna, por esse motivo, uma comunidade abstrata, “imaginada”. Alguém pertence a um congregado de pessoas igual ou menor que a rede de interações pessoais, face a face, vinculadas na rotina cotidiana ou no ciclo anual de encontros; é preciso identificar-se com a totalidade “imaginada”. Essa última tarefa exige um esforço especial, diferente dos afazeres do dia a dia, e, portanto, é concebida como uma atividade de aprendizado distinta. (BAUMAN, 2012, p. 632-639)

A prática cultural é tida no debate popular como manifestações representativas mais específicas, que contrastam com as atividades cotidianas mais banais. Essa ideia

sobre a cultura é geralmente utilizada para diferenciar manifestações que estão fora do espectro central da construção imaginária da identidade nacional. Entretanto, Bauman (2022) define a práxis cultural como um conjunto de práticas de significação que não necessariamente estão relacionadas a arranjos centrais de um círculo cultural, sendo muitas vezes percebidas nas minúcias e nos diferentes modos de entender o mundo que nos envolve.

A representação pode ser compreendida, portanto, como uma impressão da identidade no mundo. Essa ideia pode ser observada em Hall (2020), Goffman (2002) e Massey (2008), autores que trabalham com a ideia de que a relação com os espaços através das práticas cotidianas é uma das principais ligações na construção de um aparato simbólico, que traz o sentimento que nos define como “nós” frente a pungência da necessidade do pertencimento.

“O espaço não existe antes de identidades/entidades e de suas relações. De um modo mais geral, argumentaria que as relações "entre" elas e a espacialidade que delas fazem parte são todas constitutivas”. (MASSEY, 2008, p.30)

O caráter decolonial presente nos estudos da semiótica da cultura, apresentados por Machado (2019), fazem da, assim chamada, semiótica russo-estoniana o ramo da semiótica com a capilaridade e a dimensão adequadas para o entendimento da identidade periférica e da construção dialógica de espaços como o Vale do Amanhecer. Esse estudo é descrito por Machado (2019) como um movimento de resistência frente às construções totalizantes ocidentais potencializadas pelo modo de compreender os fenômenos da semiótica peirceana.

Portanto, entendemos a semiótica russa-estoniana como a abordagem mais próxima do que Bauman (2012) definiu como o ideal para compreendermos as práticas significativas, principalmente pelo seu caráter dialógico. "Como o ordenamento cultural é realizado pela atividade da significação – dividir os fenômenos em classes, distinguindo-os –, a semiótica, ou teoria geral dos signos, fornece o foco para o estudo da metodologia geral da práxis cultural." (BAUMAN, 2012, p. 3585).

A esfera cultural e seus movimentos de articulação, nos quais se constroem as bases para as relações sociais, se forma a partir do estabelecimento dos espaços de significação. O conjunto de movimentos dos textos culturais acontece com mais pungência na periferia das esferas de cultura, quanto mais estabelecidos são os textos centrais de uma semiosfera, mais evidente se tornam suas fronteiras, que em contato com

outro espaço semiótico tem os textos novos transformados, dando unicidade à cultura dessa esfera. Esse processo é chamado de modelização. (LOTMAN, 1994).

As práticas cotidianas podem ser vistas, portanto, como o método de criação de textos culturais, onde os ritos do dia a dia são agentes de semiose pelo qual as relações com o meio, como também com os objetos do meio, dão sustentação dialógica a novas práticas, de novos objetos e por fim novos meios. A práxis aliada ao relato é o que De Certeau (2014) compreende como necessário para criar as relações dentro de um território, que delimitam as fronteiras, que dentro da semiótica da cultura é a membrana que distancia as culturas, criando um “nós” e “eles”.

“São as relações espaciais que permitem posicionar um determinado ponto de vista na cultura, fazendo com que se estabeleça a partir daí contrapontos com a “não cultura”, ou seja, com aquilo que está fora da abrangência de uma cultura específica, em que se situa o que não foi representado, traduzido ou organizado pelas linguagens de uma determinada esfera, portanto, que não está disponível como informação. Dentro/fora, próximo/distante, aqui/acolá não são pares que estão apenas em oposição, mas, sobretudo, são percepções ambivalentes e sempre em interação. (KANAGAWA, R. KANAGAWA, F. 2020, p. 173)

O sistema modelizante secundário é descrito por Lotman (1996) como a linguagem espacial, ou seja, que tem lastro sógnico nos meios. Esse sistema engloba as interações comunicativas entre indivíduos, as práticas sociais, as instituições e os objetos culturais, sendo suscetíveis ao contexto, sempre em mudança, para a evolução simbólica. Os espaços semióticos são gerados a partir de mediações constantes, sendo seus mediadores os transportadores dos signos dessa esfera para as esferas adjacentes e também o oposto.

Dessa forma, o sistema de signos que caracteriza as funcionalidades de uma espacialização é sujeito também a transformações. Dentro do debate sobre identidades, isso se aplica a espaços que tenham sido criados inicialmente para segregar um tipo identitário. Partindo da ideia de representação dos espaços e o código essencial descrito por Ferrara (2002) e Massey (2008), a subversão funcional do espaço ocorre como consequência da transformação dos espaços como uma necessidade de adequação do mesmo para o pertencimento.

“Enquanto análise da cidade nos seus espaços de representação, a semiótica visual estuda o que ocorre nesse espaço e, sobretudo, os signos da sua construção e dos seus modos de produção. Assim, a semiótica visual constitui uma experiência pedagógica do olhar na cidade: ensina-se ver-a-cidade através da leitura de suas marcas. Das cidades antigas às pós-modernas, essas marcas escrevem uma história visual que vai do ritual à reprodutibilidade (Benjamin,

1975: 9), da orgânica funcionalidade à sinestesia táctico-visual, da cidade física à possível interação virtual.” (FERRARA, 2002, p. 37)

A urbe surge, portanto, desse movimento de apropriação do espaço que o ressignifica socialmente pelos meios de representação. Para Fabio e Regiane Nakagawa (2020) a diferença entre o centro e a periferia está ligada a funções, com as áreas periféricas sendo mais abertas a interações e possuindo arranjos de sinais mais flexíveis. Na cidade, essa dinâmica resulta em espaços que desafiam as normas do planejamento urbano tradicional, criando uma nova configuração urbana.

Para Santos (2020) a construção funcional, logo social de um espaço, está sujeita aos efeitos do tempo e depende de diversos fatores enraizados principalmente na historicidade desse local. Essas ramificações do tempo de um espaço são descritas por Milton Santos (2020) como rugosidades. As rugosidades levam em consideração sobretudo o tempo e os efeitos do mesmo nas ações e no meio.

“O que, na paisagem atual, representa um tempo do passado nem sempre é visível como tempo, nem sempre é redutível aos sentidos, mas apenas ao conhecimento. Chamemos de rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares.” (SANTOS, 2020, p. 140)

Para Massey (2008) não existe uma totalidade nas representações, principalmente porque a maioria dessas partem de um olhar hierárquico. Ela contesta a ideia de que o espaço pode ser reduzido a mapas ou imagens fixas, argumentando que essas representações tendem a privilegiar certas perspectivas em detrimento de outras. Em vez disso, ela propõe uma abordagem mais aberta e pluralista para a representação do espaço, que leve em consideração a multiplicidade de vozes, experiências e narrativas que existem em um determinado lugar.

Brasília hoje é representada a partir da perspectiva funcionalista. Parte da construção identitária da cidade é composta a partir da identidade cultural de sua periferia, mas a cidade ainda se impõe como um centro urbano apesar da periferia. Para além do aspecto higienizado potencializado pelo modernismo e pela gentrificação, a espacialização do Plano Piloto tem como pilar textos culturais religiosos que colaboraram para uma construção iconográfica esotérica, dando a cidade uma aura mística que divide semelhanças com o Vale do Amanhecer.

Misticismo, gentrificação e decolonialidade

Para além da perspectiva desenvolvimentista, e consequentemente estadista de Juscelino Kubitschek, Brasília nasceu também como um sonho profético e religioso de Dom Bosco. A missão de trazer a capital para o centro do País girou em torno de figuras importantes como o próprio JK, Lúcio Costa e Dom Bosco, que colaboraram para a extensão imaginada da capital, que resultou em uma aura mística para a cidade. Em sua profecia, Dom Bosco previu a construção da capital no planalto central como uma cidade quase sagrada e atribuiu à figura de Juscelino Kubitschek uma aura mítica que se estendeu para Costa e Niemeyer.

“Brasília foi concebida como uma espécie de “cidade da salvação”, assim como as demais cidades dos CIAM. Sendo aliada à sua ideologia, também ela foi vista como “um plano para a libertação frente à ‘trágica desnaturalização do trabalho humano’ produzida nas e pelas metrópoles da sociedade industrializada” (1993, p. 47). Essa libertação se daria, de acordo com Holston, pelo controle da especulação e da distribuição dos recursos urbanos com base em fatores dissociados da riqueza; a base da distribuição desses recursos seria o próprio plano geral da cidade. Este, por sua vez, proporciona a todos os seus habitantes direitos como moradia, recreação, educação e saúde, segundo critérios objetivos e racionais” (CAVALCANTE, 2011, p. 25)

Assim como Brasília, o Vale do Amanhecer também nasce de um sonho profético. Neiva Zelaya (1925-1985), ou Tia Neiva como é popularmente conhecida, foi a primeira caminhoneira do Brasil e trabalhou na Novacap durante a construção de Brasília (CAVALCANTE, 2011). Foi no final dos anos 60 que nasceu o Templo Mãe da religião do Vale do Amanhecer, há cerca de 40 quilômetros da capital, e sob a figura de Tia Neiva foi construída uma aura mítica. Assim como outros candangos, que foram erradicados do centro de Brasília através de políticas de gentrificação, Neiva logo procurou algum lugar nas redondezas para se assentar. Entretanto, diferente dos demais trabalhadores, ela encontrava-se em uma missão religiosa: estabelecer um espaço adequado para o exercício de sua espiritualidade.

A religião do Vale do Amanhecer mistura textos culturais de uma gama muito diversificada de origens religiosas, traduzidos através de representações que dialogam com expressões de subculturas, peças audiovisuais e produtos culturais do começo dos anos 60. Esse aparato simbólico teve impacto não apenas no que se transformou a religião

com o passar do tempo, como também no espaço que surgiu adjacente aos centros religiosos, dando forma o que é hoje o bairro do Vale do Amanhecer.

Dessa forma, diversos aspectos, sobretudo arquitetônicos, das duas cidades têm origem dialógica que se relacionam com esferas simbólicas próximas, como por exemplo o cristianismo e a egiptomania⁶. Para Cavalcante (2011) os textos culturais conversam diretamente com as mídias representativas pungentes da época, sobretudo as mídias televisivas que criavam um desenho linguístico acerca do futuro, ancestralidade e espiritualidade.

Imagem 1 – Pirâmide do templo Estrela Candente, no Vale do Amanhecer.



Fotografia: Cleyton Santos

A ideia de ligar a capital do país com signos religiosos é, segundo Cavalcante (2011), vista por alguns historiadores como um modo de angariar apoiadores cristãos, sobretudo, a maioria católica do país na época. Essa decisão repercute na visualidade da cidade de Brasília, na construção simbólica representativa e na arquitetura. Desde o desenho inicial de sua forma base, dois eixos centrais que convergem no desenho de uma cruz, até no desenho de seus principais edifícios, que caracterizavam o que havia de mais utopista na época juntando signos cristãos e desenvolvimentistas.

Brasília pode ser facilmente lembrada apenas por suas formas e representada, no sentido descrito por Massey (2008) e Ferrara (2002), de formas diversas pela sua

⁶ A egiptomania foi um período de intensa curiosidade e interesse pelo Antigo Egito que ocorreu nos séculos XIX e início do XX, sendo intensificada com o surgimento do cinema e ganhando espaço na mídia brasileira na década de 50 e 60. Segundo Cavalcante (2011) esse fenômeno teve impacto direto na concepção mítica entorno de JK, como também de Tia Neiva, sendo ambos comparados com figuras históricas com Akhenaton e Cleópatra, sendo a segunda uma encarnação de Neiva, segundo textos da doutrina.

iconografia que se vê refletida no material gráfico de seus estabelecimentos, como nas pessoas que moram em Brasília, através de tatuagens e adornos que fazem referência a esse simbolismo.

Outro aspecto importante de espaços deste tipo é o seu carácter visual cada vez mais pronunciado. São feitos a pensar no visível: a visibilidade das pessoas e coisas, dos espaços e do que eles contêm. A predominância de visualização (mais importante que a 'espetacularização', que é em todo caso subsumido por ela) serve para esconder a repetitividade. Pessoas olham e vêem, veem, para a própria vida. (LEFEBVRE, 1991, p. 75)

Brasília tem sua visualidade caracterizada pela a falta de signos que representem as identidades culturais periféricas. Sendo a visualidade um dos aspectos mais impactantes nos modus e funcionalidade de um espaço, as ambiências do Plano Piloto são pensadas para manter o indivíduo periférico deslocado no centro, criando a sensação de não pertencimento. Essa sensação é reportada a partir de seus vazios e espaços higienizados, além do reforço da ideia de espaços ideais para trabalhadores e para moradores do centro, a não permanência na cidade depois de um determinado horário, ou de dias específicos, através da diminuição do acesso por meio da redução de transporte público e da lei do silêncio⁷.

A cidade e o espaço urbano manifestam as exceções, definem por meio da gentrificação o lugar de morar mas também o lugar no qual diversos discursos podem ser apresentados, as pichações e os textos políticos furam tal barreira e permitem emergir a cidade sufocada pelo processo da urbanidade. (SANTOS, F. FERRAZ, C. 2018, p. 3)

Para além dos arranjos arquitetônicos, a sensação de não pertencimento pode ter origem na escolha representativa desse espaço central de trocas das suas mais distintas RA's. Para Bonsiepe (2011), estamos na periferia do capitalismo e por esse motivo nossos arranjos signos identitários dependem da produção dos países que se encontra no centro⁸. Podemos afirmar que o Plano Piloto tem uma carga maior de aparatos simbólicos pautados em textos culturais de carácter centralizado, ou seja, que têm origem dialógica em mídias hegemônicas. Ainda assim, para Bonsiepe (2011) a natureza das relações de produção representativa dos países da periferia global tem particularidades que

⁷ A Lei Distrital nº 4.092/2008 proíbe a emissão de ruídos que causem incômodo, prejuízo à saúde ou ao bem-estar da comunidade, seja de forma direta ou indireta. Essa lei é utilizada com muita frequência para acabar com eventos culturais, o que acaba repelindo novas formas de cultura principalmente no Plano Piloto.

⁸ Ver mais sobre a Teoria da Dependência em: Gui Bonsiepe, Design Cultura e Sociedade, 2011.

distanciam esses signos da sua forma central, criando uma tradução de arranjos simbólicos mais flexíveis. Essa dualidade faz com que Brasília seja um centro na periferia e mesmo as relações entre esse centro e suas periferias tem unicidades.

O Vale, apesar de nascer como um espaço pouco fronteiriço territorialmente, estreitou suas trocas com os dois centros: Planaltina e o Plano Piloto. Esse estreitamento advém principalmente da dependência do bairro com outras cidades e Regiões Administrativas para ter acesso a serviços básicos providos pelo estado que faltam no bairro, como saúde, educação, entretenimento, etc. O bairro também expandiu como consequência do crescimento e distribuição populacional do Distrito Federal, e hoje passa por um crescimento vertical nas suas partes centrais.

Hoje, segundo dados obtidos na administração de Planaltina, o Vale do Amanhecer conta com uma população de cerca de 40 mil moradores. Sua distância, ainda que seja grande, o coloca mais próximo do centro do que as cidades do Entorno do DF, o que atrai pessoas que migram para a cidade em busca dessa proximidade. O local era até a pandemia um dos pontos do DF mais procurados por turistas, segundo a administração, girando a economia em torno de hotelaria e na produção de material religioso, como as ricas indumentárias, adornos e objetos doutrinários.

O bairro é compreendido por parte dos entrevistados como um espaço à parte do Plano Piloto, ou seja, que pouco ou nada tem a ver com a capital federal. Sua visualidade distinta, o tipo de arquitetura e sua natureza espacial o distancia não apenas do Plano Piloto como também de Planaltina, que tem origem histórica distante e, portanto, uma construção dialógica bem diferente. Para os moradores entrevistados, o Vale é um espaço periférico de um espaço periférico.

A periferia dentro da periferia

O Vale do Amanhecer, em essência, é uma cidade dormitório, ou seja, a maioria dos moradores passam parte considerável do dia em outras cidades (trabalhando ou estudando), retornando ao bairro apenas a noite. Como um espaço periférico que se relaciona com dois centros, o bairro depende desses para trocas essenciais à vida cultural.

Parte do que faz com que o espaço seja uma zona de opacidade, no sentido descrito por Milton Santos (2004)⁹, tem como consequência também a ausência do aparelho estatal na propensão às práticas de cultura. A falta desse elemento tem impactos na vida cotidiana de seus moradores, que quando privados dessa necessidade, procuram no centro de Planaltina e no Plano Piloto. Para os moradores entrevistados a falta de espaços destinados a eventos culturais é um dos fatores determinantes na escolha de deixar a cidade para buscar entretenimento.

A cidade de Planaltina é uma região periférica que surgiu antes mesmo de Brasília. Com a construção de uma nova zona central teve sua urbe modificada pelas relações de dependência, principalmente de trabalho, como explica Pacheco (2020). A R.A é considerada uma das cidades mais violentas do Distrito Federal, um estigma que afeta a ideia dos moradores sobre a cidade, refletindo nas representações sobre ela. Esse espaço tem como reflexo dos estigmas da violência textos culturais comuns de cidades marginalizadas, como por exemplo o Hip Hop. Esses movimentos culturais são bem integralizados com o Vale e agregam ainda mais na visão marginalizada que surge acerca da cidade.

As rugosidades enraizadas na origem mística e religiosa da cidade podem ser observadas em diversos de seus espaços - mesmo distantes do espectro religioso, envolto por muros que os definem como um espaço particular - como é o caso das lojas, casas, carros e demais espaços privados que mesmo não sendo parte dos espaços religiosos ainda têm em suas fachadas, seus muros e seu interior signos que compõe a totalidade visual do bairro. A integração dos espaços privados e públicos é para Lefebvre (1991) essencial para a produção social dos espaços.

Limites visíveis, como paredes ou recintos em geral, dão origem, por seu lado, a uma aparência de separação entre os espaços onde de fato o que existe é uma continuidade ambígua. O espaço de uma sala, quarto, casa ou jardim podem ser cortados em certo sentido de social espaço por barreiras - e paredes, por todos os sinais de propriedade privada, ainda permanecem fundamentalmente parte desse espaço. Esses espaços também não podem ser considerados 'meios' vazios, no sentido de recipientes distintos de seus conteúdos. (LEFEBVRE, 1991)¹⁰

⁹ Milton Santos usou "zonas de luminosidade" para áreas desenvolvidas e visíveis e "zonas de opacidade" para regiões menos favorecidas e invisíveis, ilustrando desigualdades socioeconômicas e espaciais. Ver mais em: SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica, 2004.

¹⁰ Tradução livre do inglês.

Imagem 2 – A iconografia do Vale do Amanhecer pela cidade, em carros, fachadas e muros



Fotografias: Cleyton Santos

Brasília pode ser vista como uma unidade totalizadora. A criação de políticas culturais que têm como objetivo aproximar o centro de suas espacializações marginalizadas demonstra o quanto a cidade ainda está distante das identidades periféricas. Englobar suas RA's, espaços que marginalizam que surgirem como decorrência de um acelerado processo de gentrificação, é um desafio frente as fronteirizações criadas pelos modus de viver a urbe plano-pilotense.

A cidade tem se distanciado funcionalmente de sua periferia, através de políticas que dificultam o acesso das pessoas da periferia à cidade, criando fronteiras que fazem com que as esferas de cultura de sua periferia evoluam com poucas trocas com o centro. O Vale do Amanhecer, com suas origens em diversos tipos de manifestações culturais, perde espaço para arranjos signícos que se sustentam a partir de concepções mais higienistas da identidade. O bairro é hoje, não apenas um espaço esotérico, mas uma potencialidade

Considerações Finais

Hall (2020) define a identidade como algo que está em permanente mudança e tem esse efeito de transformação potencializado pela modernidade tardia, além de um efeito e de pluralidade de identidades simultâneas onde o sujeito está exposto a

possibilidade de reivindicar mais de uma identidade para si, mesmo que essas não se complementem. Dessa forma, esse tipo de escolha desencadeia consequências a depender da forma como alguém apresenta a identidade reivindicada.

Para além dos textos culturais que englobam religiões de matrizes africanas, indígenas e demais identidades marginalizadas, a cidade ainda carrega o estigma da marginalização pelo distanciamento e pela ausência do aparelho estatal. A cidade não apenas se fundou a partir de esferas culturais muito ricas em esoterismos e textos culturais já marginalizados, como também encorpou para si uma aura de mistério que fez com que o espaço sofresse com imposições rígidas de contra-identidades, resultando em ataques a monumentos e espaços religiosos. Apesar disso, o bairro já não é mais um templo religioso, mas um espaço de identidades plurais que podem ser evidenciados através das técnicas comunicacionais contemporâneas, unindo o tradicional e a modernidade.

Por tanto, reivindicar a identidade de morador do Vale do Amanhecer pode ser um ato corajoso do qual pode ser facilitado pelas potencialidades visuais e históricas que o lugar trás. Para além da religião, é um espaço aberto para textos culturais que podem fortalecer culturas adjacentes. Os textos no núcleo dessa esfera começaram a perder mais e mais espaço por uma questão de evolução natural semiótica e deixam gradativamente de serem centrais para as concepções iconográficas da cidade. Esse processo, acelerado pela evolução técnica da comunicação em si e das relações espaciais, é potencializado também pelo caráter hegemônico das concepções identitárias modernas.

O Vale expandiu seu espaço físico e sua influência semiótica, com isso as linguagens produzidas a partir do modo contra-hegemônico, e quiçá decolonial, dos quais alguns dos textos culturais foram estabelecidos tomaram a visualidade do espaço e pode ser parte essencial da de novas espacializações, como também de novas construções iconográficas, dando à cidade uma nova totalidade-social menos à margem das teias sociais brasiliense.

A identidade do Vale do Amanhecer o coloca em um lugar de fragilidade que influencia diretamente seus moradores. Seu caráter – imposto - de contra-identidade, distancia o bairro da totalidade social brasiliense, fazendo com que a ausência da máquina estatal prive seus moradores de acesso a serviços essenciais, criando o contraste que faz da cidade uma zona de opacidade. Mas partimos da ideia de Santos (2004) quando descrevemos o Vale como uma zona de potencialidades, esse caráter de um espaço opaco

o dá também as ferramentas para a criação de textos em parataxes com outros textos culturais que pode dar a cidade uma identidade rica e forte em significações.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt, **Ensaio sobre o Conceito de Cultura**. Tradução: Carlos Alberto. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BAUMAN, Zygmunt, **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BONSIEPE, Gui. **Design, Cultura e Sociedade**. Blucher, 2011.

CAVALCANTE, Carmen Luisa, **Dialogias no Vale do Amanhecer: Os signos de um imaginário religioso**. Expressão Gráfica Editora, 2011.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Brasil: Vozes, 2014.

DEBORD, G. Teoria da Deriva. In; JAQUES, P. B. (org.). **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

FERRARA, Lucrécia. **Design em Espaços**. São Paulo: Rosari, 2002.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12.ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2020.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. Edições Loyola, 2006.

KANAGAWA, Fábio, KANAGAWA, Regiane. A urbe articulada pela lógica periférica da semiosfera: análise do Centro Social Autogestionado La Tabacalera, na cidade de Madri. Em: **Política e Cultura em Revista**, Salvador, v. 13, n. 2, p. 165-192, jul./dez. 2020.

LEFEBVRE, H. **The production of space**. Oxford: Blackwell, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Ed. Moraes, 2011.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: Uma nova política da espacialidade**. Tradução Hilda Pareto Maciel, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008 .

MACHADO, Irene. Semiótica como resistência no contexto da semiosfera latino-americana. **Matrizes**, V.13 - Nº 3 set./dez. 2019 São Paulo - Brasil IRENE MACHADO p. 183-204

LOTMAN, Iuri. **La semiosfera**. Traducción: Desidero Blanco. Universidad de Lima, 2019.

LOTMAN, Iuri. **La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto**. Madrid: Cátedra, 1996.

LOTMAN, Iuri. **La Semiosfera II: semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio**. Madri: Cátedra, 1998.

LOTMAN, I.; USPENSKI, B. A. **Sobre el mecanismo semiótico de la cultura**. In: LOTMAN, I. M. **La semiosfera III: semiótica de las artes y de la cultura**. Madrid: Cátedra, 2000.

PACHECO, Matías. **Gentrificação em Brasília:** Transformações Urbanas na Produção do Espaço Metropolitano. Dissertação de Mestrado. Orientador: Dr. Frederico de Holanda. Universidade de Brasília. 2020.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada.** São Paulo. Pioneira Thomson Learning, 2005.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** Técnica, Razão e Emoção. 3ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova:** Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica; 6. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade.** Petrópolis: Vozes. 1979.

SANTOS, Fatima, FERRAZ. Sejam os Transitórios: Tempo, Espaço e Alegoria Analisados a Partir de Cartazes e Pichações em Brasília. Em: **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 41º Congresso Brasileiro de Ciência da Comunica**, 2018.